



ENSINO DE GEOGRAFIA E A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS: AS CHARGES E TIRINHAS NO ENSINO DA PRODUÇÃO ESPACIAL CAPITALISTA

Autor (1): Dayane Galdino Brito; Co-autor (1): Josandra Araújo Barreto de Melo; Co-autor (2): Débora do Nascimento Fernandes Alencar

Bolsista do PIBID, Subprojeto Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: dayanegaldinobrito2011@hotmail.com; Coordenadora da área de Geografia no PIBID, Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ajosandra@yahoo.com.br; Professora Supervisora do PIBID na E.E.E.F.M. Professor Itan Pereira. E-mail:deboranassi@gmail.com

Resumo

Este trabalho analisa o projeto educacional desenvolvido no âmbito do Subprojeto Geografia, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UEPB, numa turma do 1º ano do Ensino Médio em uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, em que o capitalismo na produção do espaço geográfico foi abordado a partir da articulação das escalas geográficas global e local, mediante as charges e tirinhas humorísticas. Teve como objetivo auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de Geografia; compreender os fundamentos do sistema capitalista e sua atuação na produção do espaço mundial e local; formular um pensamento crítico acerca das contradições sócio-espaciais. Com isso, foram desenvolvidas utilizando charges e tirinhas, discussões em grupos, produções textuais e apresentações, além da confecção de maquetes sobre as contradições da cidade dos discentes e uma oficina de produção de charges e tirinhas. A partir do desenvolvimento das atividades, além do interesse que foi despertado, os discentes compreenderam que o modo de produção capitalista materializa no espaço contradições, seja no âmbito global, como no local. Portanto, a linguagem dos quadrinhos constitui uma importante estratégia para despertar o interesse pela Geografia, além de contribuir para uma formação crítica e reflexiva do alunado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Capitalismo, charges, tirinhas, espaço.

1. INTRODUÇÃO

A Geografia apresenta como objeto de investigação científica o espaço geográfico. Com base na perspectiva teórico-metodológica da Geografia Crítica, o modo de produção capitalista constitui uma totalidade que define o processo de produção e reprodução espacial, integrando os diferentes locais da superfície terrestre. Nesse viés, as contradições que permeiam esse sistema materializam-se no espaço, em diversas escalas, da global à local.

Desse modo, o cotidiano dos indivíduos está imerso em contradições espaciais, tornando-se problemáticas a partir das disparidades dos níveis educacionais, de renda, de acesso à moradia, dentre outros, marginalizando parte significativa da população. Assim, para construção de um mundo mais solidário, tais contradições necessitam ser questionadas.

Nesse contexto, a Geografia, na condição de disciplina escolar, contribui significativamente à formação dos discentes, possibilitando a compreensão da realidade em sua dimensão espacial, tornando os alunos conscientes da origem dessas problemáticas e de seu papel enquanto agentes produtores do espaço e a influência deste em si mesmo, em uma relação dialética.



Contudo, faz-se necessário ultrapassar as posturas didáticas tradicionais, desmistificando que a Geografia é uma disciplina irrelevante e “enfadonha”, através de metodologias de ensino que utilizem recursos didáticos adequados para abordagem do capitalismo, enquanto conteúdo, a fim de promover a mediação entre os discentes, o conteúdo e a sua realidade sócio-espacial, levando-os a construção do conhecimento.

Dentre os recursos, destacam-se as charges e tirinhas humorísticas, pois configuram uma produção cultural disponibilizada pelos meios de comunicação, que ao mesmo tempo em que apresentam a finalidade de entretenimento, são carregados de ironia, crítica e humor para abordagem e comunicação de um conteúdo, por vezes, vinculados à realidade sócio-espacial. E, desta forma, constitui uma linguagem alternativa para a Geografia escolar.

Cientes dessas possibilidades, foi desenvolvido no âmbito das atividades do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB um projeto educacional, em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, Campina Grande, PB, abordando o capitalismo na produção do espaço com base na linguagem dos quadrinhos, analisando seus efeitos em diferentes escalas, global e local articulando, assim, a cidade dos discentes à realidade global.

Vislumbra-se que a linguagem alternativa dos quadrinhos favoreça a interpretação e reflexão dos conteúdos no ensino de Geografia, contribuindo para que os discentes tornem-se agentes ativos no processo de construção do conhecimento, além de desenvolver um pensamento crítico-reflexivo acerca do papel do capitalismo na produção do espaço geográfico, em especial no seu cotidiano.

O projeto de intervenção implementado na turma teve como objetivo auxiliar o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia na abordagem modo de produção capitalista na produção do espaço geográfico, articulando as diferentes escalas geográficas. E como objetivos específicos, compreender os fundamentos do sistema capitalista; analisar a atuação do capitalismo na produção do espaço mundial e local; formular um pensamento crítico acerca das contradições sócio-espaciais.

Mediante o exposto, este artigo tem por objetivo principal analisar as experiências do projeto educacional desenvolvido no âmbito do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB.

2. A GEOGRAFIA CRÍTICA E A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS DE ENSINO



A corrente Crítica da Geografia surgiu na década de 1970, utilizando como método o materialismo histórico-dialético, posicionando-se de modo contrário às tendências da Geografia Tradicional e da Nova Geografia, pelo comprometimento que ambas tinham com o sistema capitalista, sob a égide da falsa neutralidade científica (SUERTEGARAY, 2005).

Nessa corrente, o espaço é considerado o *lócus* das relações sociais de produção. Com isso, o modo de produção concretiza-se no espaço a partir da atuação da sociedade. Assim, o espaço constitui uma instância da sociedade que é determinada por ela, mas também é condicionante (CORREIA, 2003). Desta forma, a construção do conhecimento com base nessa corrente perpassa pela compreensão dos graves problemas que afligem a sociedade. Segundo Vesentini (2004):

Pode-se dizer que os pressupostos básicos dessa “revolução” ou reconstrução do saber geográfico consistiram e consistem na criticidade e no engajamento. Criticidade como uma leitura do real- isto é, do espaço geográfico- que não omite as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E engajamento visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais (ibidem, p.222-223).

Desse modo, essa perspectiva teórica é de suma relevância para a construção de práticas de ensino que objetivem o desenvolvimento de um cidadão autônomo, reflexivo e participativo, capaz de compreender a sua realidade, em suas contradições, em diversas escalas, para que assim possa perceber-se enquanto agente da produção/reprodução espacial e, por sua vez, seja munido para transformação dos desafios presentes em seu cotidiano.

Segundo Callai (2009), nesta perspectiva, o lugar para o ensino torna-se um conceito-chave importante, haja vista que através dele é possível compreender o mundo, pois os fenômenos que ocorrem no mundo materializam-se em um determinado local. Assim, com esta categoria é possível mediar à relação dos discentes com o conteúdo, promovendo uma identificação com o conhecimento geográfico ao evidenciar a relevância de estudá-lo. Destaca-se, desse modo, a cidade para construção de práticas educativas, pois comporta o movimento dialético entre o local e global, constituído a materialização das relações sociais urbanas e manifestações concretas de suas contradições (SILVA, 2010).

Além disso, para que os objetivos sejam alcançados com esta base teórica na elaboração de práticas de ensino, devem-se mobilizar linguagens que favoreçam o desenvolvimento de uma atitude questionadora, reflexiva e crítica diante das desigualdades socioeconômicas presentes espaço. Neste contexto, destacam-se a linguagem dos quadrinhos, como as charges e tirinhas, pois são produções culturais veiculadas pelos meios de comunicações, estando,



dessa forma, inclusas no cotidiano da população. Dessa maneira, as linguagens dos quadrinhos podem ser empregadas na mediação do ensino de Geografia, pois:

Os quadrinhos motivam a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo. Além disso, a linguagem desse produto cultural é capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico. (SILVA, 2010, p.13)

Desse modo, sua incorporação no ensino consiste em uma prática viável, pois desperta o interesse e a criatividade dos discentes, a interação entre os alunos, além de torná-los ativos na construção do conhecimento em torno de questões pertinentes à compreensão do espaço, tendo como base o desenvolvimento de um pensamento reflexivo, criativo e crítico.

A linguagem dos quadrinhos para a promoção da interação entre indivíduos de diferentes níveis de aprendizagens corresponde a uma prática baseada na teoria construtivista de Vygotsky. Segundo Targino (2013), elaborada a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal que indica a distância entre o desenvolvimento real, que são conquistas já consolidadas e o desenvolvimento potencial, que se refere às capacidades em vias de serem construídas, constitui uma zona de mediação conduzida pelo professor, a partir dos recursos para que os indivíduos alcancem novas aprendizagens.

A partir do exposto, a linguagem dos quadrinhos para abordagem do capitalismo na produção espacial favorecem a ampliação da capacidade de compreensão do mundo, além de aproximar a Geografia do aluno, para que perceba a importância do espaço e a materialidade das práticas sociais em seu cotidiano, as contradições, as injustiças sociais, compreendidas em sua essência e, desta forma, entendam a relevância dessa disciplina para sua formação enquanto sujeito social, munindo-os para lutar por uma organização espacial menos desigual.

3. METODOLOGIA

O Subprojeto de Geografia, integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UEPB atua na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Ita, Pereira, localizada no Bairro Bodocongó, Campina Grande-PB. O recorte espacial para a implementação deste projeto é a turma 1º “D” do Ensino Médio, turno da tarde, com 44 discentes. O projeto de intervenção foi desenvolvido entre os meses de abril e julho junto à professora supervisora. A metodologia proposta é composta por três etapas:

1º etapa:



* Inicialmente, introduziu-se o conteúdo “O capitalismo e a transformação do espaço” contextualizando-o a partir de slides compostos por imagens antigas e recentes de Campina Grande-PB e tópicos para explicação. Posteriormente, abordou-se os fundamentos do sistema capitalista e as suas diferentes etapas ao longo de sua história, a partir de slides e texto.

* Em seguida, a turma foi dividida em seis grupos, assim cada grupo recebeu uma tirinha de quadrinhos ou charge a fim de desenvolver uma análise coletivamente, correlacionando-as aos conteúdos estudados e, por fim, a elaboração de um texto.

2º Etapa:

* Abordou-se a “Regionalização do espaço mundial” a partir de aula expositiva e dialogada, com o uso da lousa e mapa mundi. Ao final da aula, foram formadas quatro equipes para a confecção de mapas com propostas de regionalizações: “Teoria dos mundos” e a “Divisão Norte e Sul”, e cada grupo deveria desenvolver uma produção e apresentá-la.

* Foram realizadas aulas expositivas sobre as “Novas expressões da economia mundial”, “Divisão Internacional do Trabalho” e “Desigualdade Mundial” com o uso de slides, seguida de uma atividade de interpretação de notícia de jornal sobre a desigualdade no Brasil.

* Posteriormente, foi abordado o “Índice de Desenvolvimento Humano” através de uma aula expositiva e dialogada com o uso da lousa e, em seguida, foram formadas duplas para análise do mapa representando o IDH no mundo.

* Em seguida, para abordagem na “Fome do mundo”, foi realizada uma aula expositiva e dialogada com o uso da lousa e texto complementar sobre a vida e obra de Josué de Castro. Assim, a turma foi dividida em seis grupos, a fim de pesquisarem e apresentarem charges ou tiras de quadrinhos representativos dos conteúdos estudados.

3º Etapa:

* A turma foi dividida cinco grupos e a cada um foi entregue um mapa dos bairros de Campina Grande, fixado em um isopor, e imagens sobre eles para que suas paisagens fossem caracterizadas, demonstrando as contradições presentes na cidade. Por fim, desenvolveu-se a oficina de produção de linguagem de quadrinhos, em que os discentes optaram, a partir das contradições percebidas na cidade, representá-las em tirinha em quadrinho ou uma charge.

Neste sentido, o projeto baseia-se na concepção de que é fundamental a articulação entre as escalas geográficas para que os discentes compreendam que a produção espacial é conduzida pelo sistema capitalista. Por isso, o projeto foi desenvolvido na perspectiva da Geografia Crítica. A pesquisa desenvolveu-se em uma pesquisa ação, demandando de revisões bibliográficas e pesquisa referente à realidade do lugar onde moram os discentes.



4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A princípio, foi abordado o capitalismo e a produção do espaço geográfico buscando-se contextualizar a temática a partir das transformações na paisagem de sua cidade, Campina Grande, PB, mediante slides contendo imagens antigas e recentes. Isto possibilitou que os discentes entendessem que o espaço a sua volta passa por contínuo processo de transformação conduzido pelo sistema econômico capitalista. Com isso, demonstrou-se a relevância de estudá-lo para que compreendam sua realidade sócio-espacial. Assim, foram abordados os fundamentos desse sistema econômico e suas diferentes etapas ao longo da história.

Para favorecer a aprendizagem, além de desenvolver um pensamento crítico e uma reflexão mais profunda do conteúdo estudado, planejou-se uma atividade com charges e tirinhas de quadrinhos, em que foram pesquisadas na internet quatro charges e duas tirinhas, de modo que comunicassem aspectos do capitalismo, como as suas etapas, as leis de mercado, crescimento econômico, consumismo e o papel da mídia no contexto atual da economia.

Assim, a turma foi dividida seis grupos, aos quais foi entregue uma charge ou tirinha. A partir disso, cada um realizou a interpretação da linguagem e fez a exposição, a luz do conteúdo estudado. Ao mesmo tempo, a bolsista auxiliou cada grupo, com contribuições para a compreensão da linguagem, além de estimular a participação de todos. Em seguida, cada grupo produziu um texto, sintetizando as análises desenvolvidas.

Ao longo da atividade, os discentes desenvolveram-na com interesse e interpretaram tais recursos mobilizando os conhecimentos adquiridos previamente na aula. Desse modo, a maioria dos grupos realizou análises coerentes com o conteúdo comunicado. Adicionalmente, a atuação da bolsista alcançou a participação de todos os alunos, até mesmo dos mais dispersos, que sempre resistiam às atividades. Portanto, as charges e tirinhas mostraram-se eficazes na construção do conhecimento e no despertar do interesse pelos estudos.

Na segunda etapa do projeto, a partir da aula sobre a “Regionalização do espaço mundial”, foram abordadas às propostas de regionalizações como a “Teoria dos mundos” e a “Divisão Norte e Sul”. Para estimular a aprendizagem e possibilitar o entendimento que é possível regionalizar o mundo a partir do critério econômico, foram formadas quatro equipes para confecção de mapas referentes a essas regionalizações.

Foi entregue a cada grupo um mapa mudo em folha A2, os lápis de pintar e uma das propostas de regionalizações em colorida em folha A4. Assim, os discentes produziram os mapas. A partir disso, desenvolveram produções textuais, interpretando os mapas para, em seguida, apresentá-los. Assim, os discentes mostraram-se participativos, tendo em vista que todos os mapas foram confeccionados e as produções textuais entregues.



Em seguida, foram abordadas as “Novas expressões da economia mundial”, através de slides com tópicos explicativos, imagens e questões do Enem, buscando aguçar o interesse da turma. Em sequência, com a mesma metodologia foi exposto o conteúdo da “Divisão Internacional do Trabalho” e a “Desigualdade Mundial”.

No tocante a desigualdade, para articulá-la à realidade nacional, foi entregue uma notícia de jornal referente à desigualdade no Brasil, a fim de que os discentes, em duplas, produzissem uma análise desse gênero textual, bem como relacioná-la ao seu cotidiano. Com as produções dos discentes, foi possível perceber que eles conseguiram compreender a notícia de jornal que expressa que o Brasil está entre os dez primeiros no *ranking* da desigualdade social. Quando questionados se percebiam a desigualdade em seu cotidiano, afirmaram que sim e citaram exemplos. Desse modo, esta proposta representou um estímulo à sistematização do pensamento e à escrita, tendo em vista que os discentes apresentam dificuldade nessas habilidades, sendo fundamental para superá-las.

Posteriormente, desenvolveu-se uma aula referente ao “Índice de Desenvolvimento Humano”, destacando seus elementos, a classificação e a maneira como analisar o mundo a partir deste indicador. Como atividade, foi proposta a formação de grupos para análise do mapa do IDH mundial, sendo solicitada a produção de textos interpretativos da representação cartográfica. Com isso, os discentes foram capazes de expor os parâmetros que fundamentam o IDH, bem como compreender as classificações do IDH presentes na legenda, localizando-as no mapa. Além disso, a partir da classificação, os discentes desenvolveram uma leitura da realidade nesses países.

Em sequência, para abordagem na fome do mundo utilizou-se um texto complementar sobre a vida e a obra de Josué de Castro, discutindo-se os principais aspectos de sua teoria. Com isso, os discentes entenderam que as causas da fome enquanto fenômeno geográfico, ou seja, a ocorrência da fome e da desnutrição da população, não meramente relacionada a fatores naturais, mas com processos históricos, como a colonização e as transformações políticas e econômicas de cada localidade. Sendo necessária a adoção de políticas de distribuição alimentar e a implantação da reforma agrária (CASTRO, 1984).

Para finalizar a segunda etapa, a turma foi dividida em seis grupos, com a finalidade de pesquisar charges ou tiras de quadrinhos e, em seguida, apresentar, a partir dos temas estudados: “Desigualdade Social”, “Divisão Internacional do Trabalho”, “Fome no Mundo”, “Fome x Produção de Alimentos”, “Índice de Desenvolvimento Humano”. Desse modo, cada grupo produziu um slide para apresentação, contendo uma ou mais charges e tirinhas acerca de sua respectiva temática. Ao final das apresentações, considera-se que a atividade atingiu os



objetivos, pois aqueles que se empenharam conseguiram desenvolvê-la de maneira eficiente, superando até mesmo as expectativas. Em relação à aprendizagem, foi amplamente beneficiada, tendo em vista a formulação de um pensamento crítico e reflexivo, sendo evidenciado pelas ideias expostas no decorrer das apresentações.

Em sequência, deu-se início a terceira etapa, em que se propôs a divisão da turma em cinco grupos. Cada grupo recebeu um mapa dos bairros de Campina Grande com imagens dos bairros em que mora uma população de poder aquisitivo mais elevado, como o Mirante, Catolé, Itararé, Alto Branco, dentre outros. Desse modo, os discentes fixaram-nas nas suas respectivas localizações e, posteriormente, discutiram tais paisagens, caracterizando-as, destacando o perfil socioeconômico dos moradores, a estrutura das construções, os equipamentos urbanos e a infraestrutura urbana. Em seguida, expuseram a discussão elaborada em grupo. A Figura 1 apresenta o momento da exposição da discussão.

Figura 1: Confecção de maquetes sobre a desigualdade social de Campina Grande-PB



Fonte: BRITO, D. G.(2017).

Posteriormente, foram entregues imagens dos bairros e de algumas áreas específicas resididas por uma população pobre, abrangendo inclusive a localidade onde a escola, bem como dos bairros dos discentes, como Bodocongó, Ramadinha, Pedregal, Vila dos Teimosos, além de outras áreas como a favela de papelão no Bairro da Dinamérica, Araxá e Mutirão.



Nessas áreas, os discentes através da observação das construções caracterizaram o perfil socioeconômico como sendo de uma população pobre. Além disso, identificaram a precária infraestrutura urbana presente em tais áreas, como esgotos a céu aberto, problemas com o abastecimento de água, calçamento, acesso a educação de qualidade e saúde, alagamentos e enchentes que invadem as residências no caso da Vila dos Teimosos. Com isso, promoveram reflexões relacionadas às suas experiências concretas com esses espaços, expondo críticas à atuação do poder público e as precárias condições de vida da população.

Ao final da confecção das maquetes, os discentes compreenderam que a cidade é muito contraditória, materializando fisicamente formas que expressam a que posição na estrutura social e econômica pertencem os indivíduos. Segundo Rodrigues (1997), isto corre porque o solo urbano no sistema capitalista apresenta um preço, ocupando-o aquele que tem condição de pagar, originando uma segregação social na cidade. Além disso, o próprio Estado atua de maneira mais eficiente nas áreas nobres, em detrimento das áreas mais carentes.

Desse modo, os discentes compreenderam que o sistema capitalista influencia-nos cotidianamente ao viver na cidade. Desenvolvendo um pensamento crítico e reflexivo, diante das diversas contradições analisadas que permeiam tais espaços, materializando-se sob a forma de injustiça social. Além disso, a proposta de interação dos alunos entre si e com a supervisora e bolsista, favoreceu a ampliação da capacidade de compreensão da realidade, visto que todos os alunos, mesmo os mais dispersos, participaram da atividade.

Em sequência, foi desenvolvida uma oficina de produção de linguagem de quadrinhos, em que, a partir das contradições percebidas na cidade, os discentes poderiam produzir uma charge ou tirinha, pois são recursos que necessitam de um recorte espacial, permitindo a representação de paisagens criticamente. Ao todo, foram entregues 27 produções. Desse total, quatro foram apenas representações gráficas e desenhos, haja vista que os discentes tiveram dificuldade de utilizar os elementos técnicos da produção dos gêneros charges e tirinhas.

Contudo, a partir de uma avaliação, os discentes representaram as distinções existentes entre os bairros, comparando moradias, equipamentos urbanos e infraestrutura básica. Dessa maneira, considera-se satisfatória essas representações, demonstrando o conhecimento construído em sala de aula. Ademais, foram produzidas dezessete charges e seis tirinhas. Tais produções destacaram as contradições dos espaços produzidos e ocupados na cidade, questões de segurança, a fome, infraestrutura urbana, ampliação das diferenças entre ricos e pobres, transportes, usufruto dos equipamentos urbanos, sendo bastante amplo o leque de questões abordadas (Figura 2 e 3).

Figura 2: Charge sobre as contradições na cidade de Campina Grande –PB



Fonte: BRITO, D. G.(2017).

Figura 3: Tirinha sobre a atuação do poder público na cidade de Campina Grande-PB



Fonte: BRITO, D. G.(2017).

A primeira charge, a aluna com a intenção de representar as contradições na cidade de Campina Grande, representou uma menina dividida ao meio, ao lado direito aparece bem vestida, com expressão feliz, residindo no bairro do Catolé, estando presente na paisagem o Supermercado Extra e o Partage Shopping. Ao lado esquerdo, a menina está mal vestida, um pouco suja e com a expressão triste, residindo Bairro Novo Bodocongó, tendo como elemento da paisagem o açude Bodocongó. Desse modo, a aluna expressou uma crítica acerca das condições de vida da população, pois, conforme o local onde moram e a posição que ocupam na estrutura econômico-social, apresentam condições de vida bastante diferenciadas.



Na primeira tirinha, o aluno tem a intenção de criticar a maneira como o Estado atua ideologicamente vinculado as classes mais abastadas na cidade. No primeiro quadrinho, demonstra a paisagem de um bairro rico, com muitos prédios e casas muito bonitas. Com um homem e uma mulher dizendo que no bairro mora apenas gente poderosa e rica, sendo bem organizado. No segundo quadrinho, mostra moradias precárias, lixo e esgoto a céu aberto e os moradores afirmam que esses problemas existem porque os governantes se preocupam com os bairros mais ricos. O terceiro e último quadrinho, apresenta uma mesa e entorno dela representantes do poder municipal planejando a pavimentação de ruas em um bairro nobre na cidade, o Mirante. Desse modo, o aluno em sua narrativa representa a vinculação do Estado as classes dominantes, evidenciado através da realização das obras de infraestrutura urbana ser mais eficiente nas áreas ricas, constituindo um importante agente na produção espacial capitalista responsável por ampliar indiretamente as contradições.

Desse modo, ao longo das diferentes atividades, a linguagem dos quadrinhos mostrou-se alternativa para o ensino de Geografia, haja vista que em todas as etapas pôde-se perceber que estimularam a participação dos discentes, favoreceram a reflexão, a criatividade, a crítica fundamentado em conteúdos geográficos e, especialmente, a compreensão da realidade de maneira ampla e consciente, em um processo contínuo de construção do conhecimento.

Os resultados obtidos corroboram com os obtidos por Silva (2010) sobre o uso da linguagem dos quadrinhos no ensino de Geografia a partir da cidade, em que a participação e o diálogo na sala de aula a partir destes recursos constituíram a zona de desenvolvimento proximal, permitindo as constantes trocas de informações entre alunos que têm capacidades diferenciadas e pela mediação do professor, ampliando o nível de conhecimento.

Desse modo, o estímulo confecção destas linguagens, proporcionam aos alunos novas possibilidades sócio-comunicativas, para comunicação dos conhecimentos construídos no decorrer das aulas. E, por sua vez, possibilita àqueles que apresentam dificuldades na fala e na escrita, mobilizem outras habilidades, como a representação gráfica, integrando-se no processo de ensinar e aprender. E, principalmente, desenvolver valores cidadãos, ao construir críticas fundamentadas nas injustiças sociais presentes nos espaços da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das atividades, foi possível constatar que o projeto educacional obteve resultados positivos, em que se observou a interação dos alunos e os conhecimentos trabalhados em sala de aula a partir da linguagem dos quadrinhos e estratégias empregadas, favorecendo a aprendizagem dos conteúdos geográficos. E, dessa maneira, a utilização das



charges e tirinhas configura uma estratégia promissora para o ensino de Geografia, haja vista que os discentes se mostraram empenhados para o desenvolvimento de todas as propostas envolvendo estas linguagens, além colocarem em evidência suas aprendizagens e construindo novas, mostrando aos discentes que aprender Geografia pode ser algo interessante e oportuniza a compreender a realidade de maneira consciente.

Além disso, foi favorecido o desenvolvimento de uma análise crítica das contradições presentes no espaço cotidiano e no âmbito global, reconhecendo suas origens no modo de produção capitalista. Assim, esta totalidade pressupõe a articulação entre as escalas global e local, em que a partir da paisagem urbana cotidiana compreenderam que as transformações impulsionadas pela sociedade capitalista. Tornando a Geografia em um conhecimento significativo para o aluno, uma vez que, engloba a paisagem de seu lugar, para formulação de pensamento crítico, questionador e reflexivo.

Portanto, construiu-se uma prática de ensino que corrobora com os princípios de uma formação cidadã. Desse modo, a Geografia, na condição de disciplina da escola básica, cumpra a sua função social que é municiar os discentes de uma formação crítica para que estes compreenda como é produzido o espaço geográfico e se perceba como agente integrante deste processo e na condição de cidadão deve lutar pela redução das contradições.

6. REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.(Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações**. 7^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CASTRO, J. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. R. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 6 ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003, 352 p.
- RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1997.
- SILVA, E. I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade**. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais- Universidade Federal de Goiás, 2010, 212 p.
- SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia em Geografia. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n.12, p.1-63, Maio, 2005.
- TARGINO, M. L. S. **Psicologia da Aprendizagem - Licenciatura em letras – Português**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.